

Ao compor a cultura brasileira, a matriz africana está presente na realidade, na musicalidade, na oralidade, na culinária e na dança, marcando o modo de ser brasileiro. Historicamente, esses valores foram preservados e recriados em comunidades que são exemplos de resistência ao permanecer em localidades com costumes transmitidos de geração a geração.

A circularidade é o outro valor herdado dos africanos e está presente na vida brasileira por meio das manifestações de lazer, religiosidade, entre outros. Exemplos significativos estão na umbanda, no candomblé, na capoeira e nas rodas de samba.

As danças, ao refletirem a valorização da corporeidade, da ludicidade e das musicalidades, têm muita importância na África, estando presente no nascimento, na morte e no plantio. Os participantes geralmente dançam em círculos. No Brasil foram recriadas e transferidas do sagrado para o profano. Alguns exemplos são: o maculelê, uma dança de luta com bastões; o reisado, uma dança popular profano-religiosa de origem portuguesa com bastões, mas mesclada com reminiscência africana, principalmente com referências ao rei do Congo; o coço, uma dança de roda ou de fileiras mistas, tendo em geral um solista ao centro que canta interpelando e recebendo respostas do grupo; e a capoeira, uma dança contendo técnicas de ataque e de defesa. A capoeira iniciou seu percurso com os bantos que chegaram na Bahia e treinavam luta, disfarçando com cânticos tradicionais.(ARAUJO, 2006. Texto adaptado).

ATIVIDADES

A INFLUÊNCIA CULTURAL AFRICANA

- I. No campo religioso podemos afirmar que a religião africana adaptou-se aos aspectos religiosos do catolicismo? Justifique sua resposta?

Resposta: Sim, pela necessidade de livrar-se das perseguições africanos adotaram vários aspectos do catolicismo, da religião do grupo dominante.

- II. Podemos afirmar que a formação da sociedade brasileira teve a contribuição de quais etnias para sua formação?

Resposta: Africana, europeia e indígena.

- III. De acordo com as etnias africanas, podemos representar de que forma seus aspectos culturais?

Respostas: Tem por características gerais a visão unificada do universo composto por um mundo natural (natureza) e um mundo social (bem estar das pessoas). Esses dois mundos devem estar em harmonia.

- IV. Para a crença religiosa africana como é tratada a morte?

Resposta: Eles creem que a morte de um indivíduo da força a comunidade, visto que sua energia volta-se para ela, fortalecendo elementos naturais essenciais para a vida em grupo. Entre os africanos, quando um indivíduo morre vai fazer parte de outro plano, onde estão seus ancestrais, devido a crença na imortalidade.

- V. Podemos afirmar que ao compor a cultura brasileira a natureza africana esta presente em quais grupos culturais?

Resposta: religiosidade, musicalidade, na oralidade, culinária e na dança.

VI. Cite exemplos e comente sobre questões lúdicas dos aspectos culturais africanos associados a danças recriadas no Brasil, a seguir:

- a) O MACULELE b) O REISADO c) O COCO d) A CAPOEIRA

Resposta:

O MACULELÊ: uma dança de luta com bastões;

O REISADO: uma dança popular profano religiosa de origem portuguesa mais mesclada com reminiscências africanas;

O COCO: uma dança de roda ou de fileira mista, tendo em geral um solista ao centro que canta interpellando e recebendo respostas do grupo;

CAPOEIRA: uma dança contendo técnicas de ataque e de defesa.

AFRICANOS E CRIoulos: ESCRAVIZAÇÃO E RESISTÊNCIAS

Emergem em recentes análises os aspectos multifacetados da resistência negra durante a escravidão. Em diversas ocasiões, cativos empreenderam fugas, constituíram quilombos, realizaram levantes, protestos e motins e foram sujeitos, nesse sentido, de experiências múltiplas de resistência cotidiana. (REIS; GOMES, 1996, P. 30).

A diáspora africana transformou o destino dos homens e mulheres escravizados que chegaram ao Brasil. Sob o jugo do tráfico e da escravidão, foi necessário encontrar meios de pertencer, de alguma forma, a algum lugar.

Um ponto de partida para superar a condição escrava foi agrupar um número suficiente de indivíduos para organizar comunidades com características por eles reconhecidas, tornando-se companheiros a abraçar e evocar elementos culturais comuns. Entre outras comunidades, como as irmandades e as casas de culto, surgiram os quilombos, baseados em experiências de sobrevivência social para se sobrepor às perdas de identidades causadas pela escravidão.

Na construção da sociedade brasileira, o uso da mão de obra escrava obrigou os senhores a conviverem com as estratégias de resistência, que sempre foram reinventadas e ampliadas pelos africanos e pelos afrodescendentes.

Alguns flexibilizações podiam acontecer, permitindo aos escravos certa autonomia nas tarefas diárias, morar perto de seus familiares, terem dias de folga, visitar companheiros em outras fazendas, ter roça para cultivar e poder vender seus produtos em feiras locais.

Entretanto, nessa sociedade de economia rural e caráter latifundiário, os escravos trabalham muito, morriam cedo e dificilmente tinham condições de ascenderem socialmente, mesmo quando libertos. Alguns estudos realizados sobre a sociedade escravista no decorrer do século XIX apontam que em média a cada mil escravos seis indivíduos conseguiam a alforria. Essa situação explica as lutas, as insurreições e as rebeliões planejadas, que por vezes chegavam ao assassinato de senhores e feitores, sendo necessária a intervenção das forças militares.

As fugas para localidades distantes das fazendas eram comuns e a criação de comunidades era um meio, conforme mostram os historiadores José João Reis e Flávio dos Santos Gomes (1996), de tentar reelaborar formas de protestos que, algumas vezes, acabavam se concretizando com a criação de quilombos.

No final do século XVI, na região nordestina, a empresa açucareira prosperava e os engenhos já empregavam aproximadamente 15 mil escravos envolvidos com o plantio, a colheita e o beneficiamento da cana-de-açúcar. Negros trabalhavam noite e dia, nos meses de safra que se estendiam de agosto a maio. Foi

Conforme estudo desenvolvido pela pesquisadora Márcia Amantino (2003), é possível identificar tipos de quilombos:

QUILOMBOS AUTOSSUSTENTÁVEIS: eram aqueles que apresentavam uma economia baseada na agricultura e/ou pecuária, que tinham uma liderança política reconhecida e estável e realizavam trocas comerciais com a sociedade na região. Neles o trabalho comunitário e livre era uma forma de reagirem contra o regime escravista. Os produtos existentes eram distribuídos ao grupo, demonstrando a presença de relações de cooperação e solidariedade.

Sobre os quilombos auto-sustentáveis, a pesquisadora apresenta a carta de um funcionário da Capitania de Minas Gerais, datada de 1770, na qual relata suas características:

(...) a informação que passo (...) dos negros apreendidos no Quilombo, é a que me dão alguns moradores na Estrada que me dizem que não consta que estes negros tenham feito morte, nem roubo, porque se metem para aquelas gemas, a donde plantavam para comer e algodão para se vestir, o que eles assim mesmo indicavam porque não tinham armas e menos vestuário, que só constava de couro e algodão, e por armas flechas... (Amantino, 2003. P. 237).

Por esse relato percebe-se que a aceitação dos quilombos, devido à falta de condições por parte do Estado para reprimi-los, era comum, enquanto a tranquilidade da população não fosse ameaçada. Era a própria população que, diante das ações de violência, clamava pela intervenção do Estado. Veja este outro relato:

(...) os negros são muitos e que estão situados com casas e roças há muitos anos, o que naturalmente pode ser enquanto não faziam insultos, mas, depois destes, é impraticável dissimular semelhantes atrevimento; à vista do que é necessário não só extinguir o dito quilombo, mas prender todos os ~~negros e negras~~ e filhos que tiverem no mato (...) (AMANTINO, 2003. P.238).

QUILOMBOS DEPENDENTES: eram aqueles que não queriam ou não conseguiam garantir por si mesmo a sobrevivência do grupo, estando distante de povoados. A principal característica, nesse caso, era o não estabelecimento de uma produção econômica autônoma. Por isso, promoviam incursões e praticavam assaltos em vilas e fazendas próximas.

Esse tipo de quilombo caracterizava-se pela alta mobilidade, característica que o deixava fora do alcance das autoridades. Mesmo que apresentassem estruturas menores, esses quilombos se encontravam dispersos por todo o território brasileiro, fato que causava constante apreensão por parte da população livre.

Os quilombos dependentes relacionavam-se com garimpeiros, homens livres pobres e bandidos de caminhos e estradas.

O relato histórico de 1876, encontrado no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro pela pesquisadora Márcia Amantino, exemplifica o modo de atuação dos quilombos dependentes:

[...] o que é certo é que os quilombolas saem armados dos seus esconderijos a fazerem caceris e roubos na Fazenda de Santo Antônio, donde tem já arrebitado cavalos de sela, bestas de carga, cavalos e outros animais e levam a osadia ao ponto de em pleno dia dispararem as espingardas no pasto da dita fazenda, como em provocação e ameaça ao suplicante[...]. (AMANTINO, 2003.p.250).

ATIVIDADES

AFRICANOS E CRIoulos ESCRAVIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

- a) O que a diáspora africana reservou para homens e mulheres trazidos da África para o Brasil?

Resposta: Sob o jugo do tráfico e da escravidão, foi necessário encontrar meios de pertença de alguma forma a algum lugar.

- b) Como se deu a organização das sociedades africanas no Brasil e que aspectos contribuíram para essa organização?

Resposta: Através da formação de comunidades, como as irmandades e casas de culto, surgiram também os quilombos baseados em experiências de sobrevivência social para se sobreporem as perdas de identidade causada pela escravidão.

- c) Cite exemplos de estratégias de resistência reinventadas pelos africanos e seus descendentes para convivência com “seus senhores”.

Resposta: A autonomia das tarefas diárias, morar perto de seus familiares, ter dias de folga, visitar companheiros em outras fazendas, ter roças para cultivar e poder vender seus produtos em feiras locais.

- d) Os escravos vindos da África tinham facilidade de ascenderem socialmente? Justifique sua resposta.

Resposta: Não, na sociedade de economia rural e de caráter latifundiário, os escravos trabalhavam muito, morriam cedo e dificilmente tinham condições de ascenderem socialmente, mesmo quando libertos.

- e) Explique a frase empregada no ano de 1777, pelo padre jesuíta João Antonio Andreoni ao visitar prósperos engenhos de açúcar na região nordestina do Brasil.

Resposta: Negros trabalhavam noite e dia, para o funcionamento dos engenhos, essa condição impunha um sofrimento, o trabalho duro motivava-os, todo o tempo, a articular e realizar constantes fugas para os matos e sertões.

- f) Defina o que foram os quilombos autossustentados e quilombos dependentes.

Resposta: Quilombos autossustentáveis: Eram aqueles que apresentaram uma economia baseada na agricultura ou pecuária, que tinham uma liderança política reconhecida e estável, também realizavam trocas comerciais com a sociedade da região.

Quilombos dependentes: Eram aqueles que não queriam ou não conseguiam por si mesmo a sobrevivência do grupo, estando distante de povoados e não conseguindo garantir por si mesmo a sobrevivência do grupo.

QUILOMBOS EM VÁRIAS LOCALIDADES E ÉPOCAS

Os quilombos fizeram parte da história do Brasil, como movimento social que aconteceu por todo o território, desde o século XVII até a abolição da escravatura em 1888. A presença de quilombos preocupava governantes, capitães do mato, senhores de engenhos e mineradores. Próximos a vilas e cidades, os habitantes de quilombos estreitavam relações com diversos grupos sociais que se integravam à sociedade escravista. Com frequência estavam presentes nos locais onde se implantaram e desenvolveram atividades produtivas e extrativas, mas também podiam estar em regiões isoladas. Segundo a trajetória das atividades econômicas, ganharam espaço em todas as regiões do Brasil.

Pelas várias regiões do Brasil, por meio dos trabalhos de pesquisadores, conheceram-se alguns quilombos que se formaram e se destacaram entre os séculos XVI e XIX.

PALMARES

Por volta de 1605, já se tinha notícias da presença de escravos fugidos para a região da Serra da Barriga, atual estado de Alagoas. Em 1612, documentos identificavam expedições do governo para a região. O agrupamento cresceu e ficou conhecido com o nome de Palmares, que não era apenas um quilombo, mas um conjunto formado por nove ou mais comunidades que compunham o grande Palmares.